

# Eu acredito nas flores vencendo o canhão

» VALDIR OLIVEIRA  
» Superintendente do Sebrae-DF

No final da década de 1960, período difícil da nossa história, a música era a grande expressão de resistência à opressão, ao ódio e à violência contra a liberdade. Os festivais foram a porta para que aquela geração de artistas ecoasse o grito abafado dos que lutavam pela liberdade e contra a opressão. Mas não era só o que eles cantavam, era o que o público ouvia. Sim, o povo exercia seu poder de escolha por sua livre manifestação, seja de satisfação ou não, pelas músicas escolhidas pelo júri. O ápice dessa apoteose foi o festival internacional da canção, em 1968, quando o parai-bano Geraldo Vandré apresentou aquele que se tornaria o hino da resistência da época: *Para não dizer que não falei de flores*.

O público reagiu com revolta por não ver como vencedor o seu desabafo contra o ódio e a opressão. Mesmo sem vencer o festival, a música caiu nas graças do público presente e passou a ser alvo do então regime ditatorial que comandava o País. Era por ele considerada uma apologia ao subversivo desejo de combater os canhões com as flores. Sim, foi isso que Vandré fez o público gritar em sua canção, "acredito nas flores vencendo o canhão". Era o amor sendo apresentado para enfrentar o ódio que imperava no regime de exceção.

Os festivais do final da década de 1960 e início da de 1970 serviram para mostrar que o proibido é a marca que reforça o fazer. Caetano Veloso, nesse mesmo FIC de 1968, apresentou como música o protesto *É proibido proibir*, que apesar de alinhado com o anseio da plateia, formada pela juventude de espírito revolucionário, foi vaiado porque não traduziu o desejo dos que gritavam. É esse o segredo do bom líder, ouvir o grito dos seus liderados, amainar a raiva e o ódio e exaltar o amor, para que essa seja tônica da sociedade: a flor vencendo o canhão. Medo e opressão, nunca mais!

Geraldo Vandré despertou no exército da resistência o sentimento de que quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Nosso futuro não pode estar nas mãos de quem não luta por nossos sonhos, e só nós mesmos podemos traduzir em luta a nossa esperança. O recado era claro, não podemos esperar. A estrofe de Vandré é uma convocação para que saíssemos da subserviência e da acomodação



e passássemos a lutar pelo que acreditávamos. Se era isso que faziam na plateia, contestando o júri dos festivais, que fizessem nas ruas contra os que queriam calar o suspiro de resistência a opressão.

Não é na arma que está a solução. Não será o argumento bélico que imporão os limites dos nossos sonhos. Não serão com as armas nas mãos que militantes manipulados farão nosso sonho escurecer. O despertar da consciência de cada brasileiro reforçará o desejo de lutar por seus sonhos,

não permitindo que se sintam perdidos de arma nas mãos, com a crença de que devem morrer pela pátria, mas viver sem razão. É na vida que temos o desafio de transformar o mundo.

Seguiremos caminhando e cantando a esperança, com o amor na mente e as flores no chão. O amor neutralizará o ódio e traduzirá nas flores o verdadeiro instrumento de transformação. Alguns querem passar para o Brasil que a celebração do Dia da Independência pode se transformar no estopim de uma ruptura institucional. Não acredito. A defesa da liberdade está em todos os discursos, em todas as matizes políticas e ideológicas.

Paulo Freire disse que os divergentes devem se unir para combater os antagonistas. Por isso, todos que lutam pela democracia devem se unir contra aqueles que querem retirar o direito à liberdade. Essa eleição não é a disputa entre candidatos ou partidos. Essa eleição é pela defesa da democracia. E, nessa defesa, os democratas devem se unir, sejam de que corrente ou ideologia forem. A escolha será entre a democracia e a autocracia. Não tenho dúvidas sobre a minha opção. Só a democracia fará um Brasil mais justo. Sou democrata por princípio e dele não abro mão.

No final, tudo dará certo. A convergência dos que defendem a democracia vai ganhar, porque sabemos o custo de viver sem liberdade. Já passamos por isso antes, em nossa história recente. Famílias tiveram seus entes retirados do convívio sem que soubessem os motivos da violência e alguns nem mesmo o direito a saber do seu paradeiro foi permitido. Para alguns, nem o direito a uma despedida foi permitido. Sou otimista. Eu acredito que as flores vencerão os canhões e que a esperança controlará o medo, deixando que o amor vença o ódio em outubro próximo. E como fazer isso? Simples, é só não levar o ódio para a urna no dia de votar. É só deixar que o amor controle o digitar da urna eletrônica no próximo pleito eleitoral. Viva o Brasil, viva os brasileiros!

## Os impactos corporativos do “novo petróleo”

» ALVARO TRILHO  
Diretor de Risk & Analytics da WTW Brasil

Existe uma analogia criada pelo matemático londrino Clive Humby, que diz que os dados são o novo petróleo do mundo. Sempre que escuto essa frase fico imaginando como seria o mundo sem a coleta de dados. Talvez o seu emprego nem existiria e suas relações sociais seriam completamente diferentes. Já parou para pensar nisso?

Mas essa frase transmite exatamente o momento que vivemos, além de constatar um fato verdadeiro: o enorme potencial dos dados. Um mundo onde não utilizamos dados é um mundo de desperdícios. Governos não conseguiriam informações importantes, como arrecadação, gastos, políticas públicas etc. Já as empresas perderiam dinheiro com produtos e serviços sem eficácia e com falhas.

A vida das pessoas também seria impactada. Imagine como seria precificar um seguro de automóvel sem se basear em dados ou como um produtor planejar sua safra sem informações. Mas, independentemente do uso, é preciso que haja uma inteligência por trás dos dados para que eles tenham valor. É a partir dessa análise que são extraídas as descobertas capazes de transformar organizações e o cotidiano da população.

Se for fazer uma analogia própria, posso afirmar que, através de uma abordagem orientada por dados, vamos prever o futuro para, então, transformarmos o amanhã. Por meio disso, as empresas obterão uma visão única de suas operações e clientes, permitindo aprimorar a estratégia de negócios e adotar de uma forma mais segura a transformação digital.

Elas poderão empregar insights orientados por dados que permitem que as empresas desfrutem da padronização de processos, reduzam os esforços manuais, mitiguem riscos e minimizem interrupções nos negócios, melhorando assim a eficiência das operações em geral. À medida que as empresas adotam uma abordagem cada vez mais digital, a adoção dessa prática se torna um componente crítico para os negócios e garante que elas estejam um passo à frente dos concorrentes.

Inclusive, a pesquisa *Caminhos para a Capacitação Digital*, realizada em 2019 pela WTW, mostra que as organizações em transformação digital estão estrategicamente à frente das outras, que ainda não evoluíram nessa direção. Essas empresas perceberam que o digital vai além da tecnologia e utilizam todos os fatores de alavancagem (cultura, liderança, estratégia digital, gestão de capital humano, processos internos, estrutura e tecnologia) em seu caminho em direção à capacitação digital.

Mas, como a própria pesquisa mostra, para que isso se concretize é preciso atuação especial dos líderes empresariais. Segundo o levantamento, 75% das organizações em transformação afirmam que atribuem a seus líderes a responsabilidade pelos resultados de seus esforços digitais.

Diante disso, as empresas procuram criar líderes que continuem se desenvolvendo à medida que a tecnologia digital evolui e que levem a sério as lições da pandemia, que incluem implementar novas estratégias para atrair talentos e formalizar abordagens para medir os resultados do investimento digital.

Além disso, são os gestores que podem incentivar empregados a experimentar, por exemplo, ferramentas que permitam maior agilidade e velocidade em relação a processos anteriores. Afinal, se o objetivo da transformação digital é oferecer aos clientes um melhor atendimento e mais informações, os colaboradores também precisam de mudanças e atualizações.

Preciso destacar, também, outras partes deste mundo orientado por dados. Quase toda semana há notícias sobre vazamento de dados, que afetam pessoas e negócios. Há, também, leis sobre a coleta e uso dessas informações, que ao mesmo tempo que protegem, também limitam. E há também instrumentos financeiros, por meio da contratação de seguros, que apoiam as empresas na adequação e mitigação desses riscos. Por isso, é importante que os líderes saibam identificar, medir e gerenciar dados e resultados digitais, com um modelo operacional ágil, seguro e com inteligência de negócios.

Com as novas tecnologias disruptivas que surgem diariamente, a governança se faz ainda mais fundamental. As organizações precisam garantir o uso de dados de maneira responsável e correta, isso inclui, também, ser transparente sobre como eles são coletados, usados ou monetizados. Quem reconhecer que a expansão digital é fundamental para um crescimento mais amplo provavelmente prosperará. Aqueles que não conseguem acompanhar terão que lidar com as consequências da desvantagem.

## Estratégia orçamentária para a trilha do desenvolvimento

» FERNANDO VALENTE PIMENTEL  
Presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit)

Seria importante a concepção de um orçamento plurianual da União, com indicativos de médio e de longo prazo, permitindo que empresas, agentes econômicos e a sociedade tivessem previsibilidade razoável para planejar estratégias, investimentos e negócios. Porém, as peças orçamentárias são apenas anuais, contemplando o custeio da máquina administrativa, projetos mais imediatistas e questões basicamente conjunturais ou de crise, como ocorreu com a pandemia.

A realidade é que o orçamento da República está muito engessado. O que resta de verbas discricionárias não chega a 10%. Assim, é necessário analisá-lo e reavaliá-lo em profundidade, para diagnosticar o que está dando certo, os gastos em cada uma das rubricas e o direcionamento dos recursos, de modo que seja possível endereçar menos ou mais dinheiro às distintas áreas, à luz das novas necessidades. Contudo, esse novo modelo deveria abranger pelo menos os quatro anos de cada mandato do Poder Executivo.

É compreensível que haja verbas compulsórias para educação e saúde, áreas absolutamente prioritárias. Entretanto, cabe avaliar a evolução de cada situação num espectro maior de tempo. Por exemplo: a população brasileira está envelhecendo. Considerando isso, não será necessário, num futuro próximo, destinar mais recursos para a assistência médico-hospitalar? Quanto ao

ensino, seus conceitos mais contemporâneos não se limitam à escolaridade convencional, exigindo cursos de extensão e aprendizado continuado ao longo de toda a vida, bem como a inclusão digital. O orçamento, como está, atende a essa demanda, assim como às novas exigências relativas ao meio ambiente, vacinas e medidas preventivas de pandemias e riscos de epidemias, como o referente à varíola dos macacos?

Sem uma peça plurianual, é difícil dimensionar todas essas questões no âmbito das transformações do Brasil e do mundo, que ocorrem de maneira cada vez mais rápida. Torna-se muito mais complexo direcionar de modo eficaz os investimentos públicos de modo compatível com as limitações e possibilidades reais decorrentes do montante da receita tributária.

Também fica claro, considerando-se tais premissas, a importância da reforma administrativa, cujo principal objetivo é organizar a estrutura da máquina estatal, melhorando sua eficiência, produtividade e programas de carreiras, bem como fortalecendo as áreas que têm mais demandas. Com o governo cada vez mais digitalizado, facilitando a interação com pessoas físicas e jurídicas, é possível reduzir o custeio de determinadas repartições e serviços e alocar recursos para reais prioridades.

O avanço para um sistema de orçamento plurianual tem total congruência com a reforma

administrativa e a tributária. Esta, num primeiro momento, não terá, a nosso ver, capacidade de reduzir a carga de impostos, mas sim de equilibrar a taxação dos distintos setores de atividade, desburocratizar e simplificar o pagamento, reduzindo e barateando as elevadíssimas despesas acessórias atreladas à maratona da arrecadação.

Esses custos são mais impactantes para as empresas que declaram pelo lucro real e presumido e inferiores no âmbito do Simples. Não é sem razão que muitas organizações desse último grupo, numa espécie de complexo de Peter Pan, hesitem em crescer, temerosas da complexidade e ônus de ascender a outros regimes de impostos.

A reforma tributária deveria ir ao encontro da necessidade de contarmos com um sistema mais previsível e menos sujeito a interpretações jurídicas. Devido a todas essas complexidades e ambiguidades, o contencioso administrativo e judicial brasileiro na esfera tributária representa 75% do PIB, correspondentes a R\$ 5,44 trilhões, conforme estudo do Insper para o Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

A equação orçamento-máquina administrativa estatal-tributos é estratégica e crucial para a retomada do crescimento e a trilha do desenvolvimento. Entretanto, estamos tentando ingressar no futuro com uma estrutura que nem sequer dava certo no passado. É premente avançar.